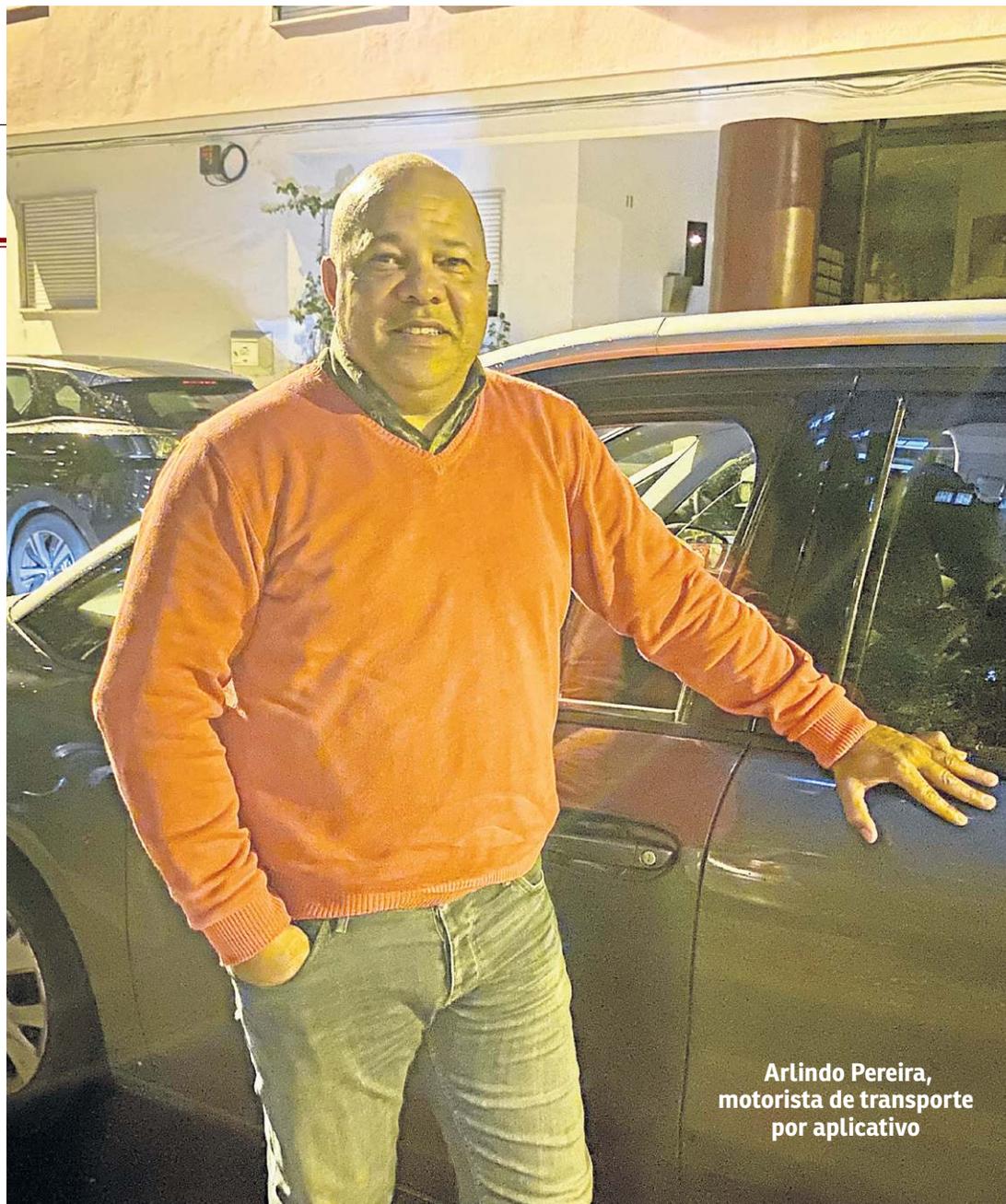


Entre o céu e o inferno

Mineiro de nascimento, mas carioca de criação, o motorista de transporte por aplicativo Arlindo Pereira, 53, reconhece que, nos últimos três anos, foi do céu ao inferno em Portugal, onde mora há 24 anos. Quando pisou na terra de Cabral, tinha uma condição privilegiada. Havia sido transferido pela empresa em que trabalhava na área de rádio. “Meu salário, na época, era muito superior à média paga em Portugal”, afirma. Seguro, um ano depois, já estava casado. “Construí uma família linda, com dois filhos, hoje, o menino com 16 anos, e a garota, com 12”, detalha. A vida feliz em casa funcionava como esteio para que ele construísse um patrimônio que desse suporte a todos em momentos de dificuldades.

“Montei uma empresa de transportes. Tinha três carros e seis funcionários. Comprei a casa onde passamos a morar e uma casa na praia”, lembra Arlindo. Era uma vida de classe média alta, que ela jamais teria no Brasil. Esse mundo, no entanto, começou a ruir em 2020, quando estourou a pandemia do novo coronavírus. “A empresa quebrou, os funcionários foram demitidos, fiquei cheio de dívidas, meu casamento acabou, meu pai morreu no Rio e eu sequer pude ir ao enterro. E, para piorar, já não tinha mais o emprego que me levou para Portugal. Fui do céu ao inferno”, lamenta.

Quando tudo parecia perdido, veio a esperança de onde ele menos esperava. O mineiro foi tomar um café com um antigo empregado, um português. Durante a conversa, ao relatar tudo o que estava acontecendo, o amigo ofereceu a Arlindo a possibilidade de trabalhar com ele. “Esse português tinha montado uma empresa de transporte, utilizando todo o conhecimento que acumulou quando trabalhou para mim. Desde então, consegui pagar minhas dívidas, alugar um imóvel e reconstruir minha vida”, diz. “Mas, para me levantar, estou tendo de trabalhar muito. São 10, 12 horas por dia, bem diferente de quando eu era o patrão, em que come-



Arlindo Pereira,
motorista de transporte
por aplicativo



**Elisamar
Fernandes,**
cuidadora e
diarista

çava às 9h30 da manhã e ia até às 17h, com tempo livre para a minha família.”

O entusiasmo com que fala desse momento de reconstrução reflete a certeza de Arlindo de que suas raízes estão fincadas em Portugal. “Sei que o país tem problemas, que há preconceitos, que há xenofobia, que tudo está preparado para empurrar você, que é estrangeiro, para trás. Contudo, no meu caso, só tenho a agradecer. Voltei a poder ajudar os meus filhos e parte da minha família no Brasil”, ressalta. Para ele, a felicidade de poder andar de cabeça erguida, de não se intimidar diante das dificuldades, não tem preço.

Educação e segurança fazem a diferença

A cuidadora Elisamar Fernandes, 51, levanta as mãos para o céu quando fala do neto Pedro Miguel, 11. “Agradeço todos os dias por meu filho, João, ter se mudado para Portugal. Isso permitiu que meu neto mudasse o destino dele. Se ele continuasse morando em Fortaleza, no Ceará, não sei que futuro teria. A violên-